

# A estratégia grupal na reabilitação de pessoas com acidente vascular cerebral: Reflexões sobre a prática da Terapia Ocupacional

Paula Pavan Antônio<sup>a,b</sup>, Rosé Colom Toldrá<sup>b,c</sup>

<sup>a</sup>Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil

<sup>b</sup>Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

<sup>c</sup>LAB INTEGRA – Laboratório de Estudos em Terapia Ocupacional: Cotidiano, Saúde e Reabilitação do Adulto com Deficiência e Incapacidade na Atenção de Média Complexidade, São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** O estudo objetivou analisar a experiência de um grupo desenvolvido pela Terapia Ocupacional enquanto estratégia de reabilitação de pessoas com sequelas decorrentes de acidente vascular cerebral desenvolvido no Centro de Docência e Pesquisa da Universidade de São Paulo, entre agosto de 2009 e outubro de 2010. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo realizado por meio de análise documental dos registros de prontuários utilizando-se de análise temática. O grupo foi composto por oito integrantes, quatro mulheres e quatro homens, com idade entre 32 e 62 anos. A estratégia de grupo no contexto da reabilitação propiciou o contato das pessoas com as próprias dificuldades e potencialidades, bem como o desenvolvimento de possibilidades individuais e coletivas de superação das dificuldades advindas da deficiência. As repercussões foram identificadas no aumento da autoestima, no estabelecimento de relações sociais, uso das capacidades funcionais e resgate de atividades significativas que haviam sido abandonadas após o acidente vascular cerebral.

**Palavras-chave:** *Grupo, Pessoa com Deficiência Física, Acidente Vascular Cerebral, Reabilitação, Terapia Ocupacional.*

## Group strategy in the rehabilitation of people with stroke: Reflections about the occupational therapy practice

**Abstract:** The present study aimed to analyze the use of a group, treated by Occupational Therapy, as a strategy for the rehabilitation of adults with sequelae resulting from stroke. The group strategy was developed at the Center for Teaching and Research of the University of São Paulo - USP from August 2009 to October 2010. This is a qualitative and descriptive study based on the documental analysis of records using thematic analysis. The group was composed of eight members, four women and four men, aged between 32 and 62 years old. Group rehabilitation enabled people to relate with their own difficulties and potentialities, developing individual and group strategies to overcome the difficulties derived from the disability. Self-esteem was upgraded, social relationships were reestablished, functional capacity was improved, and meaningful activities that had been abandoned after the stroke were rescued.

**Keywords:** *Group, People with Disability, Stroke, Rehabilitation, Occupational Therapy.*

## 1 Introdução

A utilização de grupos tem se caracterizado como um dispositivo empregado pelos profissionais da saúde para promoção da qualidade de vida e autonomia das pessoas. Na Terapia Ocupacional, o uso dos grupos teve início na década de 1930, nos Estados Unidos, no campo da saúde mental (BALLARIN, 2007) e, desde então, diversos trabalhos têm sido desenvolvidos com essa população.

Maximino (1997), em um estudo de revisão que abrangeu a bibliografia nacional e a internacional sobre o uso de grupos na Terapia Ocupacional desde a década de 1970, classificou três categorias: “abordagens psicodinâmicas, mobilização e expressão”; “reabilitação, socialização, treinamentos e grupos educativos” e “pesquisa em grupos de Terapia Ocupacional”. Dos 61 artigos analisados, apenas dez tratavam especificamente do uso dos grupos no campo da reabilitação física, sendo superior ao número de trabalhos no campo da saúde mental. Tal fato corrobora a ideia de que se faz necessária uma maior divulgação, pela Terapia Ocupacional, de experiências relacionadas aos grupos voltados à reabilitação de pessoas com deficiência física.

Para Samea (2008), a estratégia grupal tem sido mais utilizada pelos terapeutas ocupacionais nos últimos anos, contudo sua fundamentação ainda é restrita e recente. A produção teórica tem se reportado a conhecimentos que fazem fronteira com a Psicanálise, Psicologia Social e Sociologia para fundamentar a prática a partir do entendimento do grupo como um veículo produtor de subjetividades. No campo da reabilitação, a autora aponta que as novas estratégias de grupo junto às populações com deficiência buscam captar questões relativas à subjetividade, para além do olhar reducionista centrado na doença e na aplicação de técnicas corretivas ou de normalização.

A experiência de utilização de grupos pela Terapia Ocupacional na reabilitação de pessoas com doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho, artrite reumatóide, hanseníase e lesões ortopédicas de membros superiores têm demonstrado a exploração de possibilidades terapêuticas de diversas naturezas, demonstrando que os benefícios se estendem da realização das atividades de trabalho às relações do trabalhador nesse contexto, elaboração do significado da experiência da incapacidade, conscientização dos limites, melhora das capacidades corporais e suporte

emocional (RAFACHO; MORAES; TOLDRÁ, 2007).

No que diz respeito às doenças crônicas, Malta e Merhy (2010) ressaltam a importância de participação em grupos que façam sentido e que propiciem a criação de novos significados para o viver. Para esses autores, os grupos devem constituir uma das estratégias de cuidado a serem oferecidas considerando a singularidade e autonomia das pessoas na eleição das opções terapêuticas.

O uso de grupos enquanto estratégia terapêutica no campo da reabilitação tem demonstrado favorecer o acolhimento e acompanhamento de um maior número de pessoas, o que facilita o acesso aos serviços públicos. Além disso, tal estratégia possibilita o trato de questões subjetivas e relacionais de forma mais eficaz do que na abordagem individual, o que supera possíveis críticas que poderiam ser feitas referentes à massificação ou perda de qualidade da atenção (TOLDRÁ; PÉREZ; MATTA, 2000). A experiência grupal contribui para o rompimento do isolamento comumente vivenciado por essa população, ampliação da rede social de apoio e estabelecimento de um espaço educativo de esclarecimentos no qual o aprendizado do outro é convertido em forma de ajuda aos demais (FORTES, 2000). Brunello (2002) destaca a experiência grupal como espaço de criação e expressão na qual se observam ações vividas no contexto social, oportunidades de revisão dos estereótipos e papéis internalizados, enriquecendo as formas de agir e se relacionar.

Nesse sentido, os grupos podem adquirir diferentes configurações conforme sua finalidade. Grinberg, Langer e Rodrigué (1976) descrevem o grupo terapêutico como aquele cuja ênfase recai sobre o tratamento dos participantes envolvidos e, para tanto, pressupõe a presença contínua do terapeuta, que proporciona aos integrantes a oportunidade de se conhecerem mediante suas intervenções e interpretações. Ballarin (2003, p. 68) discute a importância do grupo de atividades no qual

[...] os participantes se reúnem na presença do terapeuta ocupacional para vivenciar situações relativas ao fazer como, por exemplo: passear, pintar, desenhar, modelar, dançar, fazer compras, relaxar, jogar, costurar etc.

Kitzinger (2009) refere a modalidade do grupo focal como uma entrevista em grupo que valoriza a comunicação entre os participantes para avaliar mensagens de educação em saúde e a compreensão do público sobre doenças e outros comportamentos.

Com base no exposto, esse trabalho objetivou analisar a experiência de um grupo desenvolvido pela Terapia Ocupacional enquanto estratégia de reabilitação com pessoas com sequelas decorrentes de acidente vascular cerebral (AVC).

## 2 Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo descritivo (GIL, 2006) que se utilizou da análise documental dos registros de prontuário referentes aos atendimentos grupais realizados com pessoas com sequelas de AVC atendidas pela Terapia Ocupacional correspondente ao período de agosto de 2009 a outubro de 2010, no Centro de Docência e Pesquisa (CDP) do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo.

Para o estudo documental foram selecionados os relatórios semanais dos atendimentos grupais de Terapia Ocupacional arquivados semanalmente nos prontuários dos participantes do grupo, prontuários esses específicos da Terapia Ocupacional. Os relatórios continham informações sobre a proposta desenvolvida a cada encontro, as atividades realizadas, local, participantes, interações e percepções dos participantes acerca da deficiência, valores, hábitos, comportamentos e expressões utilizadas, bem como orientações dadas, técnicas desenvolvidas, mudanças e melhoras durante o grupo, além de transcrições literais do grupo focal realizado na etapa final e breve análise da experiência pelo terapeuta. Os registros foram realizados com orientação quanto ao conteúdo acima descrito devido à finalidade de ensino, pesquisa e assistência do projeto desenvolvido no CDP.

No total, foram lidos e analisados 28 registros de prontuários do grupo que correspondiam aos encontros semanais desenvolvidos, com duração média de uma hora e meia cada. De acordo com Lüdke e André (1988), considera-se estudo documental qualquer material escrito usado como fonte de informação referente ao comportamento humano.

Na análise qualitativa dos dados buscou-se identificar as abordagens grupais adotadas e para categorizar os principais aspectos abordados nos registros utilizou-se a análise de conteúdo, mais especificamente a análise temática, seguindo as etapas descritas por Minayo (2007): pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e sua interpretação. A escolha da análise temática deveu-se ao fato de ela permitir a identificação da realidade vivida durante o grupo, os

comportamentos, valores, atividades e adaptações na rotina a partir da aquisição da deficiência.

O estudo faz parte da pesquisa denominada “Atenção à saúde e reabilitação de média complexidade à pessoa com deficiência física no âmbito da Terapia Ocupacional: perfil, demandas e ações” (TOLDRÁ, 2011), o qual teve como um dos objetivos caracterizar a atenção oferecida às pessoas com deficiência física. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da USP, protocolo n. 243/11.

## 3 Resultados

O grupo desenvolvido no contexto de reabilitação caracterizou-se como um grupo pouco aberto, pois permitiu a inserção de novos participantes mesmo após o seu início (FOULKES; ANTHONY, 1967 apud BALLARIN, 2003). Nele ocorreram desistências e integrações, o que resultou em um total de oito participantes, com número equivalente entre homens e mulheres. A idade dos participantes variou entre 32 e 62 anos e todos possuíam diagnóstico de AVC, dominância direita e sequelas de hemiparesia, variando de 1 a 3 anos de lesão. As quatro mulheres do grupo possuíam sintomas de afasia de expressão. Foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes, caracterizados nas Tabelas 1 e 2.

A partir do estudo documental verificou-se que as atividades grupais foram elaboradas com a colaboração dos participantes, com o intuito de construir propostas centradas nas pessoas e em suas necessidades, para maior comprometimento e participação (MALTA; MERHY, 2010). A intervenção da Terapia Ocupacional com pessoas com sequelas de AVC tem buscado ampliar a participação desses sujeitos, a fim de que possam se envolver em atividades que tornem sua vida mais significativa, como atividades de lazer, trabalho, atividades físicas, envolvimento em grupos sociais e gerenciamento da própria vida e de outros, para além da independência em atividades de autocuidado (WOLF; BAUM; CONNOR, 2009).

Nos registros dos prontuários também identificou-se que as atividades desenvolvidas nas dinâmicas grupais foram organizadas em torno de cinco propostas: rodas de conversa, vivências corporais, atividades de vida diária, experimentação de recursos tecnológicos e encerramento do grupo. O espaço utilizado foi composto por uma sala ampla, para rodas de conversa, vivências corporais e grupo focal, e por uma sala menor, com cozinha e espaço com mesas e cadeiras, para prática de atividades de vida diária.

Tabela 1. Dados demográficos dos participantes do grupo.

	Aldo	Alexandre	Frederico	João	Beatriz	Fátima	Antonietta	Paola
SEXO	M	M	M	M	F	F	F	F
IDADE	42	57	55	43	61	57	62	32
ESTADO CIVIL	Divorciado	Casado	Casado	Casado	Separada	Separada	Casada	Separada
ESCOLARIDADE	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo	Ensino superior completo

Tabela 2. Distribuição topográfica, tempo de lesão e principais dificuldades dos participantes.

	Aldo	Alexandre	Frederico	João	Beatriz	Fátima	Antonietta	Paola
<b>Sexo</b>	M	M	M	M	F	F	F	F
<b>Idade</b>	42	57	55	43	61	57	62	32
<b>Estado civil</b>	Divorciado	Casado	Casado	Casado	Separada	Separada	Casada	Separada
<b>Diagnóstico</b>	AVC	AVC	AVC	AVC	AVC	AVC	AVC	AVC
<b>Distribuição topográfica do tónus muscular</b>	Hemiparesia esquerda espástica	Hemiparesia esquerda espástica	Hemiparesia esquerda espástica	Hemiparesia direita espástica	Hemiparesia direita espástica	Hemiparesia esquerda espástica	Hemiparesia direita espástica	Hemiparesia direita espástica
<b>Dominância</b>	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita	Direita
<b>Outras sequelas</b>								
<b>Com quem reside</b>	Sozinho	Com esposa	Com esposa e filho	Com esposa e filho	Sozinha	Sozinha	Com marido e neto	Com pais e irmãs
<b>Filhos</b>	3	0	2	1	1	2	2	0
<b>Nível de escolaridade</b>	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo	Ensino superior completo
<b>Profissão anterior</b>	Serviços gerais e manobrista	Aposentado	Eletricista	Serviços gerais autônomo	Técnica de enfermagem	Vendedora autônoma	Do lar	Enfermeira
<b>Tempo de lesão</b>	2 anos	1 ano	1 ano	1 ano	1 ano	1 ano	3 anos	1 ano
<b>Queixas iniciais</b>	Dificuldade de subir/descer escadas e espasticidade	Vertigem, dificuldade de subir/descer escadas e no uso funcional do membro superior esquerdo	Dificuldade de subir/descer escadas, andar e na coordenação motora fina manual	Dificuldade de subir/descer escadas e coordenação motora fina manual	Comunicação verbal prejudicada, dificuldades de memória e de coordenação motora fina	Comunicação verbal prejudicada, dificuldades de memória e de coordenação motora do membro superior esquerdo	Comunicação escrita e verbal severamente prejudicada (comunicação apenas gestual e pela entonação da voz), dor e hipersensibilidade no hemicorpo direito	Dificuldade de leitura, de coordenação motora e de uso funcional do membro superior direito

A partir da leitura e análise dos dados registrados em prontuários foram categorizadas três principais temáticas identificadas ao longo do processo grupal: acolhimento; ressignificação da deficiência física; reconhecimento das potencialidades e retomada da vida após AVC.

A primeira temática abordou o acolhimento das angústias, ansiedades e necessidades trazidas pelas pessoas devido ao impacto da deficiência no cotidiano, que correspondeu à fase inicial do grupo, com duração de dez encontros. Essa fase foi desenvolvida nos moldes de grupo terapêutico, por meio de rodas de conversa e vivências corporais.

A temática seguinte focalizou a ressignificação da deficiência física e desenvolveu-se por meio de grupo de atividades focado na preparação e degustação de alimentos e uso de recursos tecnológicos nessas atividades, ao longo de 15 encontros.

A última temática correspondeu ao reconhecimento das potencialidades, em que foram compartilhadas as percepções acerca da experiência de reabilitação em grupo e culminou com o encerramento do grupo, realizado na forma de grupo focal, em três encontros.

## 4 Discussão

A análise da experiência de grupo enquanto estratégia de reabilitação de pessoas com deficiência física possibilitou explorar diversas possibilidades terapêuticas, incluindo os aspectos físicos, relacionais e sociais que comumente encontram-se comprometidos em decorrência da aquisição da deficiência física, bem como identificar as principais estratégias terapêuticas empregadas, levando em consideração o processo saúde-doença vivenciado pelos participantes e suas transformações ao longo do grupo.

### 4.1 Acolhimento: expressão dos sentimentos e do corpo vividos em decorrência da deficiência

Na fase inicial do grupo, conforme consta nos relatórios, foram realizadas rodas de conversa com exposição dialogada de conteúdos sobre temáticas de saúde e suas interfaces, relacionadas à adoção de hábitos de vida saudáveis, rupturas e mudanças no cotidiano advindas da deficiência, as quais vinham ao encontro das dúvidas e questionamentos trazidos pelos participantes. Esse tipo de intervenção em grupo é considerado uma estratégia que auxilia na educação em saúde e num melhor enfrentamento da doença pelo usuário, conduzindo a mudanças

que promovem o bem-estar físico e psíquico (CARVALHO; NOORDHOEK; SILVA, 2006).

As rodas de conversa, conforme encontrado no estudo documental dos registros dos prontuários, foram utilizadas como oportunidades de orientação quanto aos cuidados com o próprio corpo, valorização e compartilhamento das iniciativas já adotadas pelas pessoas, bem como dos aprendizados referidos por outros tratamentos. Além disso, a proposta encorajava os participantes a se colocarem, trazendo suas dúvidas e assuntos de interesse para serem explorados no grupo, o que fortalecia sua participação e o exercício de sua autonomia.

De forma combinada aos conteúdos dialogados foram realizadas vivências corporais nas quais foram desenvolvidas técnicas de relaxamento, consciência corporal e aprendizado do uso das capacidades funcionais. Foram experimentadas técnicas de posicionamento corporal, estratégias para redução da dor e da espasticidade, como a descarga de peso sobre o lado afetado e a potencialização do uso do hemicorpo afetado nas atividades do dia a dia, minimizando a heminegligência e buscando novas possibilidades de incorporação do lado hemiplégico nas atividades e expressão do novo corpo.

As vivências corporais seguiram orientações de métodos terapêuticos como o método Self-Healing (SCHNEIDER; LARKIN; SCHNEIDER, 1999), considerados facilitadores do processo de reabilitação por meio da estimulação e reconhecimento das capacidades corporais. Na experimentação e realização dessas atividades ocorreu o resgate do aprendizado vivido corporalmente, o que possibilitou minimizar os padrões posturais de movimentos decorrentes da hemiparesia, criando novas possibilidades de uso do corpo (TOLDRA, 2005).

Apesar do ambiente de escuta e de acolhimento, notou-se certo desconforto em alguns participantes quando abordadas as dificuldades advindas da deficiência. Pôde ser identificada na análise dos registros a postura de negação por parte de um dos participantes que, apesar de possuir maior dificuldade motora decorrente da hemiparesia no membro superior direito, em relação aos demais, não reconhecia qualquer dificuldade ou limitação física ocasionada pelo AVC no seu dia-a-dia, trabalhando, inclusive, como manobrista de carros de câmbio manual.

Outros participantes com limitações menos expressivas supervalorizavam a hemiparesia e a incapacidade, revelando sentimentos de inutilidade e de descrédito acerca de si mesmos, os quais repercutiam nas relações sociais e familiares. Destacam-se no estudo documental as expressões



empregadas pelos participantes do grupo, tais como: “*mão estragada*”, “*mão doente*” e “*mão defeituosa*” ao referirem o lado do corpo afetado, traduzindo a incapacidade experimentada de forma individual, corporal e social pela função perdida, pela falta de habilidade e pelas restrições na participação social.

A construção da deficiência referida pelos participantes do grupo no contexto familiar e nas relações sociais demonstra o impacto da deficiência no relacionamento interpessoal, à semelhança da imagem comumente veiculada pela mídia, que supervaloriza a incapacidade como forma de viver após a aquisição de uma deficiência, como exemplificado na fala de uma participante: “o derrame é uma doença ingrata; quando não mata, deixa você aleijado e com vergonha”. Essas percepções trazidas no contexto de um grupo terapêutico e de reabilitação traduzem, como coloca Turato (2005), significados de natureza psicológica e sociocultural e enriquecem a compreensão da experiência humana.

Assim, a estratégia de reabilitação em grupo mostrou-se terapêutica na medida em que possibilitou um lugar de expressão das dificuldades, frustrações e preconceitos. Como coloca Samea (2008, p. 87),

[...] a abordagem grupal configura-se, entre outras possibilidades, como dispositivo, espaço potencializador de encontros e contato com o outro, de questionamentos e indagações, de elaboração e trocas, de identificações, de confrontos.

O grupo oportunizou o compartilhamento de estratégias e possibilidades de mudança através do relacionamento com pessoas em condição de saúde semelhante, o que promoveu mudanças de comportamento, atitudes mais autônomas e contribuiu para o processo de reabilitação. A experiência em grupo reforça a possibilidade de manifestar e processar mobilizações emocionais como forma de construção de relações sociais cooperativas, na perspectiva do desenvolvimento da autonomia (SANTOS et al., 2006).

#### **4.2 Resignificação da deficiência física: Reconhecimento das dificuldades e elaboração de estratégias de superação**

A realização de atividades de vida diária em grupo configurou-se como uma estratégia para o reconhecimento das dificuldades devido às

queixas, especialmente das mulheres, referentes às limitações experimentadas nas tarefas do cotidiano, em consequência da diminuição na participação em atividades domésticas e da dependência para sua realização. Dessa forma, os registros dos prontuários demonstram que o fazer em grupo favoreceu a realização de atividades pelo encorajamento coletivo no engajamento das tarefas e no compartilhamento das estratégias desenvolvidas.

Assim, a preparação e degustação de alimentos em um formato de grupo de atividades colaboraram para a criação de um ambiente de descontração, aprendizado e aproximação entre integrantes e terapeutas, o que facilitou o processo de criação do vínculo. O fazer coletivo proporcionou conscientização das dificuldades em participantes que não as reconheciam, pela falta de sua execução ou abandono dessas atividades, e identificação das próprias potencialidades, para aqueles que valorizavam excessivamente suas limitações.

Na medida em que as oportunidades e espaços de troca se ampliavam, a resistência para a experimentação devido às limitações físicas aos poucos se dissolveu no grupo, pelo apoio e incentivo constante de todos para que tentassem novamente. Desse modo, a atitude ativa no desenvolvimento de estratégias para a realização das tarefas no grupo apontava outras formas relativas à situação do fazer, dando sentido e significado à ação grupal (ANTONIO; TOLDRÁ, 2011).

Os participantes que declaravam não possuir dificuldades se depararam com suas reais condições que, ao serem compartilhadas, permitiam sua elaboração no coletivo, uma vez que esses momentos revelaram-se acolhedores para troca de experiências e desafios decorrentes do AVC. Tais situações levaram à resignificação das experiências individuais e coletivas e, portanto, das representações das próprias experiências de vida (TURATO, 2005).

As atividades exploradas coletivamente em um ambiente seguro e assistido incentivaram o desenvolvimento da confiança entre os participantes e o fortalecimento da autoestima, na medida em que os indivíduos podiam retomar as atividades deixadas após o AVC. Dessa forma, o grupo mostrou-se como espaço potencial e confiável, que permitiu a exploração do mundo de maneira gradual e segura (MAXIMINO, 1997). Como afirmam Caldeira, Montilha e Nobre (2003, p. 98),

[...] o grupo coeso parece sustentar o paciente quando ele experimenta uma série de papéis, novas formas de comunicação,

treina habilidades específicas e adequa seu comportamento por meio do *feedback* do grupo.

Tal aprendizado fortalece as demandas vivenciadas no próprio contexto social, tais como transitar e ocupar os diferentes papéis (TOLDRÁ; SOUTO, 2013).

As atividades de vida diária desenvolvidas propiciaram a experimentação de recursos tecnológicos, tais como talheres engrossados, tábua de corte e abridor de latas adaptado, registradas como ocasiões propícias para a manifestação de ideias sobre como adaptar seus próprios utensílios. Materiais de baixo custo foram experimentados na produção de adaptações para cortar unhas e a tábua de corte para a cozinha, bem como compartilhadas outras formas adotadas para realizar tarefas, experiências assinaladas pelos participantes como significativas, pela possibilidade de valorização das maneiras de fazer de cada um e pelo estímulo para retomarem tarefas que haviam sido abandonadas após o AVC.

Estudos revelam que, apesar do uso de recursos tecnológicos promover a independência e a melhora da qualidade de vida de pessoas com deficiência, altos índices de abandono são identificados devido à falta de valorização da opinião da pessoa na sua escolha, dificuldades no uso dos recursos, utilidade inferior à expectativa do usuário e mudanças nas necessidades ou prioridades da pessoa (ZHAO; PHILLIPS, 1993). Nos registros dos prontuários ficou evidente a perspectiva de valorização da participação da pessoa no processo de escolha do recurso tecnológico conforme sua necessidade e opinião em relação ao próprio processo na reabilitação.

### 4.3 Reconhecimento das potencialidades: Retomada da vida após AVC

Na etapa de finalização, o grupo focal foi utilizado a fim de estimular a comunicação entre os participantes e a troca de pontos de vista sobre as vivências ocorridas no contexto grupal de reabilitação. Segundo Barbour (2009), qualquer discussão em grupo pode ser considerada um grupo focal, desde que o pesquisador esteja atento e encoraje as interações grupais. Conforme os registros analisados, a estratégia do grupo focal favoreceu a reelaboração de conteúdos e atitudes relativas aos cuidados com a saúde, identificação das implicações da deficiência nos aspectos funcionais

e relacionais e preparação para o encerramento do grupo.

A dinâmica adotada explorou as percepções acerca da experiência de reabilitação em grupo, a qual envolvia tanto o anseio dos participantes em relação ao término do grupo quanto o sentimento de gratificação pelas conquistas, atividades retomadas e transformações pessoais percebidas por meio do aprendizado grupal. Foi possível compreender a dimensão do processo de reabilitação grupal e identificar estratégias aprendidas, ensinadas e mudanças empreendidas, com repercussões na autonomia, na ampliação da participação social e no fortalecimento da autoestima, como exemplificado nas falas a seguir, transcritas dos prontuários:

*Hoje eu sou muito independente. E aqui eu também conheci muita gente boa. Nós também trocamos muitas informações, sobre como tirar a carta (CNH especial) e eu consegui tirar (Paola).*

*Aprendi principalmente a me comunicar mais com as pessoas, porque eu não falava muito, não era muito comunicativo. Agora eu estou solto até demais! Minha mulher sempre comenta sobre isso, “nossa, como você mudou!”. Aqui a gente sempre conversou muito... eu gostei. Pra mim foi válido! Aqui eu aprendi que a gente é capaz, a gente tudo pode fazendo com vontade. Eu fui pondo na cabeça que eu era capaz, que eu podia também. Aí fui experimentando, foi dando certo... (João)*

*Aprendi a abrir latas, já tinha tentado há muito tempo, quando eu fazia comida, para tentar não pedir para os outros. Aqui eu aprendi a cortar com tesoura, lavar roupa na mão, aprendi a lavar louça sem quebrar, aprendi a colocar roupa no varal (Paola).*

Essas experiências contribuíram para a retomada de tarefas e papéis desempenhados que haviam sido deixados após o AVC. As propostas empreendidas no grupo em um ambiente protegido foram importantes para a aquisição de autoconfiança, impulsionando seus integrantes a vivenciarem outras experiências em seu próprio contexto de vida. Nesse sentido,

[...] as atividades grupais parecem favorecer a integração e o interesse social; observa-se aumento da ajuda mútua e estreitamento dos laços de amizade; mecanismos internos são mobilizados e podem ser trabalhados; observa-se diminuição do nível de ansiedade e do egocentrismo, identificação emocional,



fortalecimento e adaptação do ego, reconhecimento de necessidades e sentimentos, aumento da autoestima caracterizado por uma maior confiança em si, um sentido de utilidade e otimismo em relação a possibilidades de mudanças (CALDEIRA; MONTILHA; NOBRE, 2003, p. 98).

Os registros fazem referência a um aprendizado que transcendeu o ganho de habilidades físicas e capacidades de realizar as atividades, na medida em que foi explorada a relação entre as diferentes dimensões afetadas pela deficiência física, favorecido pelas trocas sociais, afetivas e proporcionadas pelo processo de reabilitação em grupo. As trocas incentivaram os participantes a serem agentes de sua própria mudança, através do compartilhamento de diversos recursos como informações, ideias e apoio (SOARES et al., 2009). O grupo permitiu a abordagem do sujeito na sua singularidade (MALTA; MERHY, 2010), funcionando como um veículo produtor de subjetividades para além do enfoque na deficiência e na utilização de técnicas corretivas (SAMEA, 2008), pautado no desenvolvimento da responsabilização, do vínculo e no incentivo de ações voltadas aos cuidados com a saúde e autonomia das pessoas.

## 5 Considerações finais

Os benefícios do uso das estratégias grupais nos aspectos sociais e pessoais dos participantes podem ser identificados pelas possibilidades de ampliação dos espaços de trocas, a responsabilização das pessoas como sujeitas de sua própria mudança, bem como pela repercussão na história de vida, no enfrentamento das próprias limitações e na melhora das condições de convivência com a atual condição de saúde.

A estratégia grupal desenvolvida em um ambiente seguro e de aprendizagem contribuiu para a melhora das capacidades funcionais identificadas no desenvolvimento de maior consciência corporal, maior uso do lado comprometido nas atividades, redução da dor e espasticidade. Condições que favoreceram a experimentação e retomada das atividades deixadas de realizar, resgate da autoestima e possibilidade de vislumbrar novos projetos após o AVC.

Aponta-se como limite do estudo o uso da estratégia documental, por ela não permitir captar a totalidade da experiência desenvolvida no grupo. Contudo, o estudo reafirma a importância de propostas de reabilitação em grupo e a necessidade

de uma maior divulgação, pela Terapia Ocupacional, das experiências relacionadas à utilização de grupos voltados à reabilitação de pessoas com deficiência física, pois eles se constituem de uma riqueza singular, sendo indicada sua apropriação pelos serviços de saúde que atendem essa população.

## Referências

- ANTONIO, P. P.; TOLDRÁ, R. C. A estratégia grupal no contexto da reabilitação de pessoas com deficiência física: perspectivas da Terapia Ocupacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO, 12., CONGRESSO LATINO AMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 9., 2011, São Paulo. *Anais...* São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- BALLARIN, M. L. G. S. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em Terapia Ocupacional. In: MAGALHÃES, L. V.; PÁDUA, E. M. M. (Orgs.). *Terapia Ocupacional: teoria e prática*. 3. ed. Campinas: Papirus Editora, 2003. p. 63-76.
- BALLARIN, M. L. G. S. Abordagens grupais. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs.). *Terapia Ocupacional: Fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 38-43.
- BARBOUR, R. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRUNELLO, M. I. B. Terapia Ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 9-14, 2002.
- CALDEIRA, V. A.; MONTILHA, R. C. L.; NOBRE, M. I. R. S. Grupo de espera no processo de reabilitação de pessoas com deficiência visual: contribuições da terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 95-105, 2003.
- CARVALHO, M.; NOORDHOEK, J.; SILVA, M. Grupo de orientação a indivíduos acometidos por doenças reumáticas: espaço educativo e terapêutico. *Revista Brasileira de Reumatologia*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 134-136, 2006.
- FORTES, S. L. Grupos com pacientes com dor crônica. In: MELLO FILHO, J. et al. *Grupo e corpo: Psicoterapia de grupo com pacientes somáticos*. São Paulo: Artmed, 2000. cap. 22, p. 331-343.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2006.
- GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUÉ, E. *Psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- KITZINGER, J. Grupos focais. In: POPE, C.; MAYS, N. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 33-43.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1988.

- MALTA, D. C.; MERHY, E. E. O percurso da linha do cuidado sob a perspectiva das doenças crônicas não transmissíveis. *Interface: Comunicação Saúde e Educação*, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 593-605, 2010.
- MAXIMINO, V. S. *A constituição de grupos de atividades com pacientes psicóticos*. 1997. 209 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública)-Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1997.
- MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- RAFACHO, A. M.; MORAES, C. M.; TOLDRÁ, R. C. Grupos terapêuticos na perspectiva de um serviço ambulatorial de Terapia Ocupacional. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 11., ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 7., 2007, São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2007. p. 2027-2030.
- SAMEA, M. O dispositivo grupal como intervenção em reabilitação: reflexões a partir da prática em Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 85-90, 2008.
- SANTOS, L. M. et al. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 346-352, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000200024>
- SCHNEIDER, M.; LARKIN, M.; SCHNEIDER, D. *Manual de autocura: método self-healing*. São Paulo: Triom, 1999. v. 2.
- SOARES, L. C. et al. Educação em saúde na modalidade grupal: relato de experiência. *Ciência Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 118-123, 2009.
- TOLDRÁ, R. C. *Atenção à saúde e reabilitação de média complexidade a pessoa com deficiência física no âmbito da terapia ocupacional: perfil, demandas e ações*. São Paulo: USP, 2011. (Projeto de Pesquisa).
- TOLDRÁ, R. C. Terapia ocupacional e o método self-healing: criando novas possibilidades de viver o corpo. In: PÁDUA, E. M. M.; MAGALHÃES, L. V. (Orgs.). *Casos, memórias e vivências em Terapia Ocupacional*. Campinas: Papyrus Editora, 2005. p. 97-114.
- TOLDRÁ, R. C.; PÉREZ, M. A. G.; MATTA, M. A. P. Caracterização da assistência aos portadores de deficiência física nos serviços públicos de saúde em Campinas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos v. 8, n. 1, p. 13-37, 2000.
- TOLDRÁ, R. C.; SOUTO, A. C. F. Atenção ambulatorial de média complexidade em saúde e reabilitação de pessoas com deficiência física no âmbito da Terapia Ocupacional: reflexões a partir da prática. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 299-306, 2013.
- TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-14, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>
- WOLF, T. J.; BAUM, C.; CONNOR, L. T. Changing face of stroke: implications for Occupational Therapy practice. *American Journal Occupational Therapy*, Montgomery, v. 63, n. 5, p. 621-625, 2009. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.63.5.621>
- ZHAO, H.; PHILLIPS, B. Predictors of assistive technology abandonment. *Assistive Technology*, London, v. 5, n. 1, p. 36-45, 1993. PMID:10171664. <http://dx.doi.org/10.1080/10400435.1993.10132205>

---

## Contribuição dos Autores

Paula Pavan Antônio foi responsável pela concepção e redação preliminar do texto. Rosé Colom Toldrá foi responsável pela concepção, registro e análise preliminar dos dados da pesquisa. A análise e revisão do texto foi realizada de forma conjunta pelas autoras.